

COMUNIDADES ECLESIAIS: UMA FAMÍLIA MAIOR¹

HOMENAGEM A D. LUCIANO MENDES DE ALMEIDA

Edelcio Ottaviani*

RESUMO

Este artigo rende homenagem a D. Luciano Mendes de Almeida e ao seu compromisso com as Comunidades Eclesiais de Base. Partindo de uma fala sua na Conferência da UNICEF em Paris, em julho de 1986, na qual fui um feliz expectador, reflito sobre a grande família de D. Luciano, a genialidade deste Mestre do Amor, ao reconhecer nas CEBs um local de vivência e transformação existencial para milhares de crianças carentes de um referencial de valores mais consistente. Por fim, à luz de Michel Foucault, falo da mestria de D. Luciano, cuidando para ver se as pessoas estão tendo cuidado de si, e do seu jeito de fazer tudo em nome de Jesus.

Palavras-chave: D. Luciano Mendes de Almeida, CEBs, mestria, Michel Foucault, cuidado de si.

ABSTRACT

This article is homage to D. Luciano Mendes de Almeida and his compromise with the Comunidades Eclesiais de Base — CEBs (Ecclesiae's Community of Basis). It has written from his speech during Unicef's Conference in Paris, in 1986 July, of which I was a happy listener. Here, I reflect about the big family of D. Luciano, about the geniality of this Master of love, at recognizing in these CEBS a place of some experience of life and transformation of existence to incalculable number of children, destitute of more consistent referential values of life. At last, I feel inspired for Michel Foucault, then, I speak about great knowledge (mestria) of D. Luciano and his take care to see if the people are taking care of themselves, and of his way of doing everything In the name of Jesus.

Key-words: D. Luciano Mendes de Almeida, Ecclesiae's Community of Basis (CEBs), great knowledge, Michel Foucault, care of himself.

¹ Conferência apresentada no V Encontro Nacional de Direito Educacional no Centro Universitário Assunção — UNIFAI, coordenado pela Profa. Maria Garcia em novembro de 2009.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain, professor da Faculdade de Teologia da PUC-SP e coordenador do Programa Suplementar FOCO-Vestibular da PUC-SP.

Esta reflexão tem como inspiração os atos e a fala de D. Luciano Mendes de Almeida, a quem presto uma pequena homenagem. Nada do que escreverei aqui é mérito meu, senão das geniais ideias e da prática de vida deste *Mestre no Amor*, como reza seu epitáfio na Catedral de Mariana.²

O título desta fala, embora mantenha a ideia-mestra, não expressa fielmente o conteúdo que explanarei. Na verdade, o título inicial seria: *Comunidades Eclesiais: a grande família*. Mas como este título está vinculado a um conhecido seriado de televisão, aconselharam-me a modificá-lo. No entanto, se quiséssemos ser fiéis à inspiração de D. Luciano, o manteríamos. As Comunidades Eclesiais são, assim, formadas por pessoas comuns, com suas virtudes e seus defeitos, às vezes até caricaturais, como as personagens do seriado. Porém, nas que ainda resistem numa forma inovadora de ser Igreja, abundou e continua abundando o princípio maior de qualquer estrutura familiar: o *Amor em todas as suas implicações*.

AS COMUNIDADES ECLESIAIS E A GRANDE FAMÍLIA DE D. LUCIANO

Irmã Simões nos lembra que a família de D. Luciano não se circunscrevia ao clã culto e originário da nobreza brasileira, que nos deu de senadores do Império a intelectuais do porte de Cândido Mendes de Almeida, seu avô, primeiro Conde Mendes de Almeida, fundador e diretor da *Academia de Comércio do Rio de Janeiro*, futura *Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas*. Segundo filho de Emília de Mello Vieira Mendes de Almeida e Cândido Mendes de Almeida Júnior, fundador da *Faculdade de Direito* (1953) que hoje leva seu nome, D. Luciano estendeu os laços familiares até os mais pobres dentre os pobres.

Esta grande família formada por ele, e que se estendia por meio das inúmeras Comunidades Eclesiais fundadas sob seu episcopado, é lembrada por meio de fatos pitorescos que em nada devem ao seriado. Irmã Simões lembra uma noite em que, depois de ter cumprido sua superlotada agenda e ter atendido aos pobres que o aguardavam até bem tarde da noite, foi dormir. “Pela madrugada, bateram fortemente à porta. Levantou-se. Era um pobre que, tendo ficado a dormir no alpendre, lhe disse, meio zangado, que

² Cf. QUIRINO SIMÕES, Neusa (lr). “*Em Nome de Jesus*” *passou fazendo o Bem*, p. 109.

apagasse a luz da varanda, que o estava incomodando, o impedindo de dormir. Rindo-se, D. Luciano pediu desculpas, apagou a luz e voltou a deitar-se”.³

Tendo feito tudo “em nome de Jesus”, como reza seu brasão episcopal, D. Luciano foi não somente um santo, mas também um profeta de nossos tempos. Sua fala, desprovida de qualquer ressentimento, era fundamentada numa prática de vida que não só comovia, como também movia e potencializava aqueles que estavam sob seu pastorado. Embora tivesse uma liderança extraordinária em meio ao rebanho que lhe fora confiado, não era gregário no sentido negativo do termo, fazendo com que todos se submetessem à sua vontade. Agregava para que todos encontrassem em Jesus a inspiração para conduzir a si próprios na dinâmica do *Reino de Deus* e num governo responsável de suas vidas. Tinha confiança em si e nos outros. Quando sentia que alguém estava seguro em seu próprio caminho, simplesmente sorria e, no íntimo de seu coração, entregava-o ao Deus misericordioso e providente. Quando, porém, alguém estava meio perdido e não sabendo que caminho tomar, D. Luciano lhe dedicava toda a atenção, fosse padre, religiosa, religioso, um agente de pastoral ou um membro das numerosas Comunidades Eclesiais da Região Belém. Isso era tão visível, que chegava a ser motivo de leve riso entre os padres: se D. Luciano começasse a nos visitar frequentemente, era sinal de que talvez não estivéssemos tão bem como pensávamos...

D. LUCIANO E SUA GENIALIDADE

Havia se passado uma semana desde minha chegada a Paris. Estava ali para aperfeiçoar o francês que aprendera nos quatro primeiros anos de Seminário, tirando o máximo proveito de uma Bolsa de estudos oferecida pelo *Instituto Católico de Paris*. Para este curso, no verão de 1986, contei também com a generosidade de meus pais que se prontificaram a custear a passagem e a hospedagem. D. Luciano, vendo além do que a normatividade inerente aos seminários, lutou junto a D. Paulo Evaristo Arns para que eu tivesse a permissão de me ausentar por três meses de São Paulo e prosseguir meus estudos em francês. Indo ainda mais além, dava-me, caso eu achasse proveitoso, a permissão para seguir alguns cursos na faculdade de teologia daquele Instituto por um semestre. Como havia estudado em Paris, sabia da riqueza intelectual daquela cidade e acreditava que ela deveria ser

³ QUIRINO SIMÕES, Neusa (lr). “*Em Nome de Jesus*” passou fazendo o Bem, p. 57.

explorada ao máximo, deixando transparecer mais uma de suas virtudes: a largueza de *horizontes*. Na verdade, D. Luciano pensava e enxergava grande...

No entanto, meu despreparo para uma empreitada tão grande, numa cultura diversa e num ambiente muitas vezes hostil e preconceituoso em relação aos latino-americanos, fez-me voltar três meses depois, tendo, porém, concluído o curso a que me havia proposto. Essa experiência, no entanto, me ajudaria, cinco anos mais tarde, a enfrentar com maior força os desafios de um doutorado na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica.

Em 1986, a Teologia da Libertação tinha passado pelo seu auge. Os anos de ditadura, que a marcaram como uma voz para os sem-voz, tinham passado. Iniciávamos um longo processo de redemocratização que a Igreja Católica do Brasil, na pessoa de bispos do porte de D. Luciano, tinha auxiliado a instaurar. No entanto, os revezes desta atuação evangelicamente política, em prol da defesa dos direitos humanos, tinha deixado marcas profundas no sistema político e econômico, sob forte influência norte-americana. Uma desestabilização da Teologia da Libertação e da práxis libertadora estava sendo orquestrada tanto pelo governo norte-americano quanto por setores mais conservadores da Igreja.

As lutas por melhores condições de vida e contra as injustiças sociais, em particular aquelas praticadas pelos grandes proprietários de terra do alto Solimões e do Araguaia, marcaram profundamente a vida da Igreja naquela época e, particularmente, a de D. Luciano. Secretário Geral da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB) por dois mandatos consecutivos e, depois, presidente desta mesma instituição também por dois mandatos seguidos, o *bispo dos pobres* teve a oportunidade de conhecer bem o Brasil e suas profundas injustiças sociais. Ao ser perguntado sobre três momentos marcantes de sua vida, numa entrevista para o Instituto Humanitas, da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), D. Luciano responde: em primeiro lugar, os funerais de D. Oscar Romero, em meio ao qual presenciou o assassinato de centenas de pessoas pelas milícias do governo de El Salvador, povo humilde que ali estava para prestar suas últimas homenagens *al defensor de los pobres*; em segundo lugar, a guerrilha e a constante situação de conflito no Líbano; e, finalmente, as injustiças cometidas pela posse da terra no Brasil e a luta pela preservação das reservas indígenas e ambientais. Em relação a este terceiro momento, D. Luciano responde:

Me marcaram muito as injustiças com problemas de terra aqui no Brasil, especialmente o assassinato do Pe. Josimo, de Pe.

João Bosco Burnier, de Ezequiel Ramim e a prisão dos padres Aristides e Francisco Goriou. Tudo isso eu acompanhei de perto, e me marcaram muito a coragem desses irmãos na fé e a dureza das situações que tiveram de enfrentar e a consequência que esses fatos tiveram sobre a minha vida.⁴

Como foi dito, em 1986, as *Comunidades Eclesiais de Base* (CEBs) eram acusadas de estar incentivando as revoltas populares e de se terem deixado penetrar pela ideologia marxista. Na Europa, eram acusadas de romper com a unidade da Igreja e de se colocar como setores à parte e, de certa forma, indiferentes à voz do Magistério universal do Papa em comunhão com os bispos. Esta associação entre comunismo e autonomia laica fez com que as CEBs na Europa fossem fortemente criticadas e combatidas — crítica esta que se estendeu às CEBs latino-americanas e, em particular, às CEBs brasileiras, que em nada se pareciam às europeias no que diz respeito à comunhão eclesial e ao secularismo. As CEBs brasileiras sempre se mantiveram unidas à paróquia local, à qual estavam ligadas jurídica e espiritualmente, tornando-se um espaço de preservação da religiosidade popular e pequenos centros de aprofundamento e fortalecimento da fé por meio de estudos bíblicos e pastorais.

Foi em meio a esta artilharia pesada que pude perceber, em Paris, a genialidade de D. Luciano. Num Seminário promovido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF — *United Nations Children's Fund*), alocado no auditório do moderno edifício situado no Boulevard Montparnasse, a respeito do que se podia fazer para colaborar ainda mais pela educação das crianças brasileiras, D. Luciano proferiu um belo discurso sobre a importância das Comunidades Eclesiais de Base na educação das crianças desamparadas. Ao falar sobre a essencial ajuda da UNICEF aos projetos sociais na América Latina, D. Luciano exortou os presentes a darem um passo além. Por sua influência internacional no campo social, D. Luciano convidou-os a um olhar mais profundo sobre as estruturas dessas comunidades eclesiais e como elas representavam para essas crianças o laço familiar que, em suas vidas, se apresentava muito frágil. Na verdade, D. Luciano chamava a atenção

⁴ “D. Luciano Mendes de Almeida, SJ. Amigo dos pobres e defensor zeloso de suas causas (5-10-1930 a 27 — 8- 2006)”. Realizada em outubro de 2005, esta entrevista foi publicada, na íntegra, após a morte de D. Luciano, nas *Notícias Diárias* do sítio IHU on-line, no dia 28-08-2006. Apud QUIRINO SIMÕES, Neusa (lr). “*Em Nome de Jesus*” passou fazendo o Bem, p. 21.

para os novos laços de sociabilidade que essas comunidades instauravam, criando um espaço de convívio com a diferença. Nos projetos sociais coordenados pelas CEBs havia todo um esforço de barrar qualquer espécie de discriminação, a começar pela discriminação religiosa, pois nesses projetos a criança era acolhida independentemente do credo de seus pais, de sua raça e de seu grau de escolaridade. Ao proferir seu discurso, D. Luciano dizia que as CEBs não poderiam morrer, pois com elas morreria um último raio de esperança na vida de milhares de crianças que encontravam na vida comunitária e no trabalho da *Pastoral da Criança* o carinho, a atenção e a estrutura de vida dos quais eram privadas.

AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE: LOCAL DE TRANSMUTAÇÃO DOS VALORES

Nas Comunidades Eclesiais de Base, aprendeu-se a não reproduzir um modelo em série de família, mesmo porque cada criança trazia a diversidade de sua história familiar: algumas não tinham ou não viam mais o pai, outras tinham irmãos cada um de um pai diferente, outras, ainda, eram criadas pelas avós, uma vez que suas mães estavam envolvidas com as drogas. Nas CEBs, viam-se crianças com sonhos, potencialidades, mas também com problemas de relacionamentos, traumas e feridas profundas na totalidade do corpo, impressos na carne e na alma,⁵ crianças que, embora diferentes, apresentavam dados históricos similares. Eram histórias, vontades e sonhos, em meio a lágrimas e risos. A vida de cada criança, no entanto, pedia uma atenção singular e esta busca de construção de singularidades, no respeito à particularidade de cada um, marcou profundamente a história de quem trabalhou nos projetos sociais coordenados pelas CEBs. A *Pastoral da Criança*, nelas originada, aprendeu a fazer dos restos dos alimentos, cascas de frutos e talos de verdura a seiva necessária para o desenvolvimento intelectual dessas crianças. Os valores irrompidos nas CEBs contrastaram e continuam contrastando com aqueles de uma sociedade fadada ao consumo e a uma superestimação dos “bens materiais”, em detrimento da qualidade da vida humana. Por sua maneira de agir, inspirada nos valores evangélicos, os membros dessas comunidades aprenderam, pouco a pouco, a se desvencilhar da cultura do supérfluo e do consumo desenfreado, dando preferência a uma forma de vida mais “contemplativa”, na qual a redução

⁵ Utilizo a expressão parte interna e externa.

de coisas e as preocupações geradas por elas deixavam um espaço maior para pensar o sentido que se quer dar à vida — menos ocupações e mais cuidado consigo e com o outro.

Os membros das *Comunidades Eclesiais de Base* esforçaram-se por passar a alegria evangélica a essas crianças. Uma alegria que não significa a ausência de aborrecimentos ou contrariedades, uma vez que estes fazem parte da vida e, em última análise, exercitam nossa potência, mas uma felicidade por verem os sinais do *Reino de Deus* se manifestar por meio delas, cada vez que uma criança voltava a sorrir e a *enxergar* o mundo com mais cores; a *ouvir* cantigas de roda e não mais os gritos e as ordens de quem não tinha tempo para ela e não a viam senão como instrumento de ganho nos cruzamentos de ruas espalhados pelo país; por fim, a *caminhar* com suas próprias pernas tendo mais confiança em si própria e nos outros. Assistíamos aos verdadeiros sinais de uma era messiânica predita por Isaías no capítulo 61 e que serviram de resposta a João, o Batista, quando pediu a seus discípulos que perguntassem a Jesus se era ele o Messias que devia vir ou deviam esperar outro, ao que Jesus respondeu: “Ide contar a João o que ouvís e vedes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11,4-6). Inspirados na prática de vida de Jesus, os membros das CEBs puderam oferecer às crianças a possibilidade de contemplar uma forma de vida benéfica e de salvação e a recusar uma vida de violência e castigo.

CEBS, PASTORAL DA CRIANÇA E A MESTRIA DE D. LUCIANO

Ao chamar a atenção sobre esse espaço de convívio para as crianças, D. Luciano nos convidava a ampliar o olhar e a perceber que, na Pastoral da Criança animada pelas CEBs, encontrava-se mais do que um local de complemento dos estudos ou de uma alimentação mais adequada para pequenos e adolescentes. Era, por excelência, o espaço de um processo educativo no sentido mais denso do termo, como o de Paideia para os gregos ou de Bildung para os alemães.

Nas CEBs, não eram somente as crianças que eram educadas, mas também os que se ocupavam com elas. Espaço de convívio público, onde se mesclam as diferenças, as CEBs tornaram-se o espaço da aparência, da manifestação do ser de cada um. Como diz Hannah Arendt, filósofa judia contemporânea: no espaço público cada um aparece e se desvela para o

outro no contraste entre seus atos e suas palavras. Na incongruência da ação com a palavra proferida, o interior aparece e as verdadeiras razões dão as caras ao sol. Pelo olhar do outro, vemo-nos mais profundamente, conhecemos a forma como estamos nos construindo e damos-nos conta do que estamos fazendo de nós mesmos. Espaço ético de construção de si, precário e muitas vezes discriminado, a Comunidade Eclesial de Base resgatou um sentido maior de evangelização que tornou o pobre agente de sua própria história, ao tomar consciência do que o cerca e também dos instrumentos de transformação de sua sofrida situação. Para alguém que soube aprender, neste convívio, com o outro e com o grande Outro que é Deus, a escuta e o estudo da palavra revelada fizeram-no perceber que não se tratava mais de ser guiado à revelia, mas, antes, de escolher por quem desejava ser guiado, conduzido e educado.

Este processo de emancipação custou às CEBs a reputação negativa de serem rebeldes às orientações do Magistério. Na verdade, tratava-se apenas de tomada da consciência de que fazer parte do rebanho era mais do que ser simplesmente dócil e útil ao pastor. Antes, tratava-se de tomar consciência da dignidade de ser chamado Filho de Deus, afinal não era isso que São João queria dizer em sua primeira epístola? “Veja que prova de amor Deus nos deu: sermos chamados seus filhos, e nós o somos” (1Jo 3,1).

Na verdade, essa era a razão maior pela qual D. Luciano defendia tanto as CEBs. Não porque fossem perfeitas ou que houvessem se tornado um celeiro de vocações ou o espaço de manifestações religiosas de massa. Como bom estudioso dos diálogos platônicos, em particular de Alcebíades, ele sabia que não há possibilidade de se forjar uma nova geração de governantes — que honrem e respeitem as leis e os direitos dos cidadãos de seu país — se não souberem governar, em primeiro lugar, a si mesmos. Pequeno exercício do governo de si, as ações comunitárias tornaram-se verdadeiros experimentos educativos, nos quais a palavra que alimenta e que dá sentido à existência não é a palavra da vaidade, de quem se diz detentor absoluto da verdade; nem mesmo da autoridade sufocante que impede um verdadeiro esforço de si sobre si. Antes, é um modo de ser que conduz à verdade, e D. Luciano sabia qual era o modo de ser que inspirava o seu *múnus* pastoral: o de Jesus, o fazer tudo *em nome de Jesus*.

À guisa de conclusão, vale lembrar a bela reflexão de Michel Foucault a respeito da mestria, tão aprofundada pelos gregos e definida pelo cuidado com a maneira do discípulo ocupar-se de si. *A epiméleia heautou*, ou o cuidado de

si, nada tem a ver com a febre das academias e do cuidado exacerbado com o corpo, ou mesmo de um individualismo burguês indiferente às injustiças sociais; antes, é um cuidado com a parte que anima e faz uso das partes do corpo para suas ações. Na aula de 13 de janeiro de 1982, Foucault nos lembra que Sócrates, como mestre de Alcebiades, passa a ocupar-se não com o corpo de seu discípulo, mas com sua alma, “com sua alma enquanto ela é sujeito de ação e se serve mais ou menos bem de seu corpo, de suas aptidões, de suas capacidades”.⁶ Nisto consiste a posição do mestre na *epiméleia heautou* (o cuidado de si): “Não se pode cuidar de si sem passar pelo mestre, não há cuidado de si sem a presença de um mestre. Porém, o que define a posição do mestre é que ele cuida do cuidado que aquele que ele guia pode ter de si mesmo”.⁷ Podemos dizer, assim, tal qual o Zaratustra de Nietzsche, que se é um mau mestre quando se quer manter os discípulos sempre ligados a si.⁸

Como aludi acima, D. Luciano possuía o dom da mestria porque ele nos ensinava, por sua forma de ser, a cuidarmos de nós mesmos, a termos um governo sobre nós mesmos (o fato de deixar um seminarista viajar sozinho à Europa e ali permanecer por três meses sem o acompanhamento de um superior o prova).

Sua ascética, por sua vez, não era ruidosa. Todos conheciam a austeridade de D. Luciano, que não fazia de seus exercícios de renúncia — como o de viajar 13 horas num ônibus sacolejante em vez de duas horas de avião — algo para se exaltar. Antes, mantinha-se constantemente em vigília sobre si, aplicando-se as técnicas que havia aprendido nos Exercícios Espirituais de Santo Ignácio e que, de certa forma, se aproximavam das técnicas anacoréticas (imobilidade do corpo que resiste, da alma que está firme em seu próprio eixo).⁹

D. Luciano era mestre porque nos educava não somente por palavras, mas, e, sobretudo, por seus atos. Se ia ao encontro da ovelha ferida, deixando de lado as noventa e nove no aprisco, era para auxiliá-la a cuidar de si. Quando isto lhe era quase humanamente impossível, ele a trazia constantemente junto a si. Eis o porquê da incompreensão de alguns com relação a certas pessoas que acompanharam D. Luciano da Região Belém à Mariana, onde nos últimos vinte anos exerceu seu episcopado.

⁶ FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 73.

⁷ *Ibidem*.

⁸ Cf. NIETZSCHE. Da Virtude dadivosa. In: *Assim Falou Zaratustra*, p. 101-106.

⁹ A imagem mais emblemática da anacorese é a de Sócrates, evocada no *Banquete*, o qual, durante a guerra, era capaz de permanecer só, ereto, os pés na neve, insensível a tudo o que se passa a seu redor. (cf. FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 62).

Para encerrar, transcrevo um dos incontáveis depoimentos a respeito da mestria de D. Luciano:

Nos anos de filosofia, gastava horas explicando a árida neoescolástica a inteligências resistentes a tais acrobacias especulativas. Mais tarde, receberá oficialmente o encargo de repetidor de filosofia no Colégio Pio Brasileiro, de Roma. Serviço estritamente didático. E sua capacidade de explicar as teses mais complicadas com bonequinhos e desenhos em estilo gibi facilitava a inteligência.

Quem o ouve até hoje fica encantado com o jogo difícil, embora aparentemente conatural, de expor ideias complexas e exigentes de maneira direta e simples. Mestre realmente da inteligência (Pe. João Batista Libanio, SJ).¹⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROCHELLAS, Maria Helena. *Deus é Bom*; homenagem a D. Luciano. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. 3. ed. Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: PUCRJ; Nau Editora, 2009.
- _____. *Estratégia, poder e saber*. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos, Tomo IV. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta).
- _____. *História da sexualidade III; o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *Segurança, território, população*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos).
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. 16. ed. Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.
- QUIRINO SIMÕES, Ir. Neusa odn. *“Em nome de Jesus” passou fazendo o bem...; lembranças de D. Luciano Mendes de Almeida*. São Paulo: Loyola, 2009.

¹⁰ LIBANIO, João Batista. “Laudatio in Honorem” DD. Luciano. In: *Deus é Bom*: homenagem a D. Luciano, p. 66.